

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES
DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

O ESPANTALHO

Depois de bem definido os acontecimentos políticos de Espanha e da sensata critica que a imprensa imparcial lhe tem feito, era de crer que os nossos reaccionários deixassem de agitar o espantoso bolchevista, grotesco «papão» a encher de pavores ridiculos os pobres de espirito e os ignorantes, sempre prontos a tomar a uuvem por Juno, sobretudo nos transcendentales assuntos que roçam pela sua necessidade ou pelo seu egoismo. Era de esperar que um resquicio de poder os fizesse parar na tendenciosa e porca mentira com que pretendem aterrar as gentes, assim criando ambiente propicio ás suas retrogradadas maquinações, ás suas ambições de preponderancia e de mando, fazendo reverter em seu proveito a confusão e a desordem, que propositadamente atacam, para mais facil execucao do seu odiento maquiavelismo.

Era de crer; contudo, o que se vai passando demonstra o contrario. De nada valem os factos, a nada cede o intento dos do pelicano de braço dado com os de Loliola.

A campanha continua, insidiosa e tenaz, deturpando tudo, conspurcando tudo, e, como se a imprensa apaniguada lhe não bastasse, sobe aos pulpitos, donde se derrama em anatemas e terrores sobre o espirito simples do crente analfabeto e, as mais das vezes, boçal. Inventam-se os quadros mais horrosos, pintam-se as scenas mais tetricas, para que o espantoso tome vulto e, de ficção que é, passe a olhar-se como realidade tangivel, palpavel.

E, afinal, para quê? Esse bolchevismo imoral e corrupto, esse regime de latrocinio de que nos falam as gazetas reaccionarias, se existe, apenas pode encontrar-se nos estreitos limites do cerebro dos corifeus da reacção.

Nem em Portugal, nem na Espanha, nem em qualquer outra parte, appareceria um povo capaz de suportar os desmandos e o desvairamento de tal regime.

O que ha — e é preciso que todos o saibam — o que ha, quer em Portugal, quer na Espanha, como nos restantes países europeus, é uma questão economica a resolver com urgencia, e que, com certeza, não pode ser resolvida dentro dos moldes sociais impostos por instituições regressivas.

O que ha, em Portugal, como em qualquer outra parte do mundo civilizado, é a fremente necessidade de acudir ao mal estar dos povos, provocado por erros que vêm de longe, dos velhos regimes opressivos, tiranicos, que iam buscar a sua força, a sua razão de existir, a leis arbitrarías, profundamente injustas e desumanas.

E' este o problema. E' simples e é claro. Desvirtuá-lo com fantasias e papões o mesmo é que retardar-lhe a resolução; e esta será tanto mais difficil e perigosa quanto mais demorada fôr. Bolchevismo, comunismo, canibalismo!

...Nada disso; não se assustem. São plantas exóticas que, como o exótico integralismo, só podem germinar, entre nós, em cerebros desnacionalizados. E esses, louvado Deus, são poucos.

DÓRIO.

A' margem dos livros... e da vida

De Latino Coelho, in *A Civilização da Grécia* (estudo precedente á sua admiravel versão do original grego da *Oração da Caroa* de Demosthenes):

«Enquanto que em muitos povos orientais, como os hebreus, se passa de um regimen, senão popular, ao menos oligarquico, á monarchia teocratica, na Grécia as dinastias mais estritamente vinculadas aos mitos religiosos e ás tradições locais, deixam vago o seu lugar á livre democracia. O heroi, que simboliza na sua força e nos seus feitos o direito de reinar e a gloria da nação, desaparece da scena inteiramente para que na *ágora* e na *boulé* fique apenas imperando o cidadão, com o poderoso instrumento da palavra e do sufragio. O orador, o *demagogo*, de que já são visíveis os tipos ainda heroicos nas figuras homericas do Odysseus e Nestor, encaminhando pelo influxo do seu verbo as decisões no congresso dos guerreiros, substitui na direcção e no governo da cidade, perante uma assembleia de homens livres, o arbitrio e a dominação do chefe hereditario. Esta nova e orgulhosa independencia e ombridade, com que o cidadão ateniense abomina, como afronta á nativa liberdade, a sujeição a um senhor, é generoso e nobilissimo attributo dos helenos elevados ao maximo esplendor da sua cultura. E quando Demosthenes, moldando e esculpindo no bronze da palavra o orgulho ateniense, bradava da tribuna que os cidadãos da sua patria ja desde antigos tempos só tinham em apreço a propria vida, se com liberdade a disfrutavam, era o espirito da Grécia, era a isenção esquiva deste povo de herois e cidadãos, que falava pela boca do tribuno... Nenhum povo, senão os gregos, em toda a antiguidade concebeu e exprimiu a noção do homem livre, consubstanciando ao mesmo tempo a força e a beleza, a virtude e a abnegação, em prol da comunidade.»

A denuncia está claramente expressa em *O Comercio de Guimarães*, por dois artigos de fundo: pescadores de aguas turvas, videirinhos, falsos portugueses, boateiros, os homens das tocas, comprometidos nos acontecimentos da Madeira, que tinham raizes fundas, diz ele, por toda a parte, referindo-se muito visadamente a Guimarães. Denuncia? Não, o nome é outro. Aqui o estampamos e reproduzimos ás autoridades. Faça-se a vontade ao *Comercio de Guimarães*, regosije-se esta piedosa alma clementissima, restaurando as devassas e erguendo outra vez as forcas da Praça Nova.

De Antero de Quental:

«Há em todos nós, por mais modernos que queiramos ser, há já oculo, dissimulado, mas não inteiramente morto, um beato, um fanático, ou um jesuita!»

Aquella sessão na Academia das Sciencias de Lisboa, quando se procedia, em Cuba, á transladação do cadaver do grande Fialho de Almeida, do jazigo de emprestimo para o novo jazigo, construido por sua determinação testamentaria, ai que vergonha aquella sessão pedantesca e chocha, reles do vulgar, pingada do mais ordinario cebo literario!... E' de arripiar os cabelos, meus meninos, e de fazer corar as faces de um preto da Guiné. E depois, que linguagem mascarada, postiga, do mais falso e desbruido lindismo artistico, a mais pifia contrafacção da verdadeira beleza literaria... Nem alma, de emprestimo, alugada que fosse por algumas horas, ali houve, com a breca, a reanimar a gratidão e o orgulho ao autor, já para tantos criminosamente esquecido, de algumas das mais belas paginas de todas as literaturas em todos os tempos! Cada vez se torna maior para nós essa figura de genio, ainda maior agora, porque medimos até onde e quando o fundo golpe da sua ironia — temido e invejado em vida; temido, malsinado e invejado ao depois da morte. Salve-se ao menos o não terem vindo com as estafadas cántigas «de paginas dispersas e fragmentarias», ou de não ter deixado «uma obra» (um romance, em quatro volumes, de quatrocentas paginas cada, a trinta linhas em cada pagina, tipo 10, formato 8.º), quem tantas maravilhosas obras laborou, ou a veneravel objurgatoria á sua «boemia» (a do trabalhador operoso, como o descreve Albino Fojiaz de Sampaio, em artigo do *Diario de Noticias* — ao menos uma boa lembrança, a deste jornal, para arquivar ao seu «feito demolidor», etc.). Que foi melhor assim, muito melhor, havemos de confessá-lo, passada a primeira natural irritação. Foi como devia ser, e o acentuou um dos promotores. Simples e grande. Simples — porque teve as crianças e o povo, que ele amou do coração. Grande — na sua austeridade, sob o sol de Maio, uma chuva silenciosa e comovida de flores ajeitantes. Meia duzia de admiradores fieis, meia duzia de palavras certas. Foi melhor assim, pode o Fialho estar descansado na sua nova jazida. Toda a balburdia, por mais soléte, á volta do cadaver de um artista, é uma profanação á sua obra.

Proverbios provençais:

Quem casa por amor tem boas noites e maus dias.

Em amor deve o prefacio ser maior do que a obra.

O dinheiro é bom servidor e mau senhor.

Os governos actuais de quasi todos os estados — se há qualquer excepção a derreiam no peso esmagador das despesas orçamentais — vivem na fobia do equilibrio orçamental, deliram sob o pesadelo

Permutas

Já recebemos em permuta os seguintes colegas, pelo que nos sentimos muito reconhecidos:

A Liberdade, semanario republicano de Lisboa; *A Plebe*, semanario de Valença; *O Combate*, semanario republicano de Fafe; *Estrela do Minho*, semanario republicano de Vila Nova de Famalicao; e *O Comercio de Guimarães*, bi-semanario monarchico de Guimarães.

horriavel dos *deficits* monstruosos. Por uma forma ou outra, mas tendo, em cada um, sido postos em ensaio a maioria conhecida desses artificios de terapeutica financeira, procuram debalde esticar as receitas... que nunca chegam para as despesas. A vida individual escraviza-se assim, no rendimento do seu duro trabalho, ás vicissitudes e necessidades enormissimas do orçamento, produto da socialização crescente dos serviços publicos. E como, na moderna corrente das formas governativas, alguem ousa atacar a organização de tantissimas repartições, antes e a cada passo, novas tendencias criam novos serviços funcionais, e há o manifesto desejo de os dotar por forma a satisfazerem o fim para que foram criados, talvez a formula salvadora se encontre em o orçamento incluir todo o produto do nosso trabalho, acrescido da fortuna individual, passando em seguida a habilitar-nos com o requerido para viver, é claro, amplamente, ou seja fisica, moral e intellectualmente, a vida contemporanea... já que doutra não podemos dispor, nem usufruir. Por uma forma, tambem, ou por outra, lá vamos ter.

De Dostoiwesky:

«Um instante inteiro de felicidade, não será já o bastante para uma vida inteira?»

Visado pela Comissão de Censura

MELANCOLIA

A' formosa «Ligia Montenegro».

Meia noite. Contemplo o céu sereno,
Enlevando meus olhos no azul.
O socêgo profundo. O vento sul
Desliza no ar límpido e ameno.

As estrelas refulgem com Saudade
Na amplidão infinita dos espaços.
Em alvos leitos os noivos dão abraços
Entre beijos febris: — a Mocidade.

Sósinho, eu encaro as minhas máguas
No doce marulhar das verdes águas,
Onde a lua se espelha iluminada.

Horas passo esquecidas nesta Dór,
Lembrando a minha infancia — oh meu amor!...
— Passa a noite; desponta a Madrugada.

JERONIMO ROCHA.

Independentes em política

Há dias o nosso colega *A Republica*, de Lisboa, revoltava-se, e com razão, comentando-a acremente, contra esta estupidissima frase que appareceu escrita no orgão dos jesuitas de Braga: — *Somos em politica independentes*.

Pergunta-se:

Serão independentes em politica aqueles que até dos pulpitos se têm servido para atacar o regime?...

Eram independentes em politica os padres que se arregimentaram nas hostes couceiristas?

O tartufo que queria a pena de morte para os deliços politicos tambem será independente... em politica?...

Independentes em politica os que todos os dias, numa persistencia rancorosa, bolsam as maiores infamias sobre alguns dos homens que honestamente serviram o País?!

Independentes em politica...

E não desce Cristo cá baixo para azorregar esta nova especie de vendilhões do templo!...

Lição para um

O orgão monarchico cá da terra, que atravessou um largo periodo de sonolencia, limitando-se, no campo das manifestações politicas, a comemorar os anniversarios dos simpatizantes ou a relembrar os mortos queridos, há tempos que se apresenta com um aspecto mais vivo, dando seguros indicios de que novamente se vai lançar, com brava furia, na luta pela *sagrada causa*.

Não lho levamos a mal, porque sempre folgamos em ter pela frente adversarios cheios de ardor e de espirito combativo, e até, quando eles são correctos — porque, excepcionalmente, lá se encontra um ou outro correcto — somos os primeiros a prestar-lhes homenagem. Quando, porém, deslealmente, aproveitando-se de circunstancias proprias, eles descem ao insulto, á calunia, á infamia, enojam-nos, não nos merecendo mais do que absoluto desprezo.

Com vista ao articulista de *O Comercio de Guimarães* que há dias bramava contra os «videirinhos» e os «falsos portugueses»...

TRIBUNA LIVRE

Salus Populi

A saúde pública é um dos problemas pelo qual temos de lutar com persistência e desempoeiramento, correndo em socorro da colectividade que não pode estar à mercê de quantas doenças contagiosas apareçam ou surjam.

Comquanto não sejamos médicos e a questão se nos apresente de variadas maneiras, julgamos lícito que o problema seja abordado dum modo positivo e terminante, encarando o sob um aspecto geral e restringindo-o até ao possível, para que não fique sem o nosso protesto este criminoso abandono — criminoso e deplorável! — a que votaram a higiene e a saúde públicas.

Como intérpretes do Povo e como municípios que somos, em nossa opinião não podemos admitir que os mandatários da coisa pública se desintereessem por tão magno assunto que é, quanto a nós, aquele que maior carinho merece e que mais preocupação deve trazer, e ainda que, como cabeças pensantes, deliberativas e executoras, se embrenhem em "suas crenças místicas" — no modo definido por Ramalho Ortigão quando se dirigiu à Camara de Lisboa a tratar deste mesmo negocio público — por sistema desprezando os interesses mais vitais que, em geito de milagre providencial, não têm sofrido abalo de maior nemhão provocado medo que tolha ou afugente.

Representamos à Camara Municipal, porque a questão humana a isso nos impele e incita.

Esta intervenção, que é também um clamor, merece de quem de direito a sua formal aquiescência, o mais justo assentimento, para que os municípios desta cidade não sofram males que podem ser perfeitamente debelados por um rigoroso saneamento cidadão: criação dum Dispensário de higiene (abrangendo uma maternidade, lactário, hospitalização para a tuberculose e sífilis, gabinete de análises, etc., etc.); canalização e esgôto dos despejos; e sistema metódico da construção de casas que substituam os cortelhos existentes e esparsos pela cidade.

Inscrita anualmente uma verba no orçamento para a execução deste plano geral, que não reclamamos seja levado a efeito num só ano, a Camara poderá ainda encontrar um belo auxiliar na iniciativa particular desde que consiga da autoridade administrativa o exacto cumprimento das leis humanitárias que... dormem a sono solto no "Diário do Governo".

L. COELHO.

Assalto frustrado

Tal como a Republica Portuguesa em 1910, o novo regime espanhol foi para os monarchicos de uma benevolencia extrema, consentindo que eles continuassem a sorver dos cofres do Estado as largas remunerações dos grandes lugares publicos e que a sua imprensa se servisse das suspeições infamantes e das calunias miseraveis como armas predilectas.

O resultado está á vista. Tomando por fraqueza o que era ingénua (e condenavel) complacencia, os adeptos de Alfonso de Bourbon preparavam-se para uma tentativa de restauração do trono para sempre e ignominiosamente caído.

O povo tem porém, um entranhado amor pelos regimes que ele proprio escolhe; por isso os espanhóis, na sua esmagadora maioria, defenderão, sempre que seja necessario, a Republica. Ficaram-no sabendo, de uma maneira bem expressiva, aqueles que queriam atentar contra ella.

E' natural que o ensinamento sirva a estes para de vez deixarem de acalentar sonhos inalizaveis.

Cremos que a Republica hespanhola entrará uma fase definitiva de completa reorganização social e politica.

COISAS E LOISAS

"HUMANIDADE" colega muito prezado que se publica no Porto, deu-nos a mais agradável das noticias quando informou que em Moura ha uma igreja que tem por sacristão uma rica menina de... 20 prometedoras primaveras. Babi-dinhos de gozo, nós sentimos vacilar as nossas convicções anti-religiosas, a nossa velha repugnancia por tudo quanto nos cheira a mitos e a dogmas, a seitas e a coios, só em pensar nas celestiais atitudes da moçoila ao apagar as velas do curuto do altar-mor e ao dar, sobretudo ao dar, as três do repique final. Com que beatidão os devotos, os fregueses, se hão-de lambear, ao vê-la compor as pregas da alva do felizardo do abade e chegar-lhe, ao lavabo, as galhetas purificadoras?...

Em que místicos enlevos mergulhará o casto espirito do bom do padre ao ouvir á sua sacristana o etenespritu da praxe e que doce enleio o dos fieis machos ao notar a teimosia com que a opa de seda se lhe cola aos feminis relevos?... Um céu aberto deve ser tudo aquilo, com missa de manhã e terço á tarde, e sempre aquelas vinte rissonhas primaveras, e sempre a cachopa, gentil e prestimosa, a acolitar. Na verdade, é para deixar abanadas as mais fortes convicções.

Cá por nós, já lastimamos não ter um Tio das Taipas que nos faça... abade em Moura.

EM 1927, pela Quaresma, o padre Baudrillard disse que a Igreja devia usar de meios suasorios com os herejes; mas, se eles persistissem no seu erro, tinha a mesma Igreja o direito de proferir contra eles a sentença de morte.

Este intolerante catolico deve ser o mesmo que por aí anda a fazer conferencias, importado de França não sabemos por quem, mas acompanhado na sua faina sectaria por catedraticos nossos de categoria. E' o clericalismo em acção, com o seu fanatismo, a sua intolerancia e o seu espirito inquisitorial. E' o sectarismo catolico, ambicioso e sanguinario, a ensaiar novos vãos para a reconquista da terra perdida. E' o odio que divide e enfraquece, é a perseguição que debilita e aniquila, a pairar de novo no céu livre da nossa Patria. E' Loyola que espreita.

SUA Majestade e Papa tambem se dá á ridicula madureza de distribuir os titulos nobiliarios. De vez em quando vai ao sacco da sua infinda e misericordiosa magnificencia, puxa de um titulo e doura com ele a fachada de um predio e os supostos meritos de qualquer leal servidor. E ninguem tem que levar a mal estas graças, tão do gosto dos principes e dos papas, ainda que o bom senso as repudie. São inofensivas e até fazem rir. São desopilatorias. Simplemente...

Era de esperar que estas mercês de Sua Santidade, por virem de quem vêm, de quem é couto de incontestada infalibilidade, recaissem, sómente, em criaturas de indiscutíveis virtudes e de saliente austeridade de costumes. Era de esperar; mas, pelo visto, assim não é, como no-lo prova o que se está passando com um refinadissimo falido, que Sua Majestade e Sua Santidade o Papa, principe da cristandade e rei do estado do Vaticano, fez marquês — Marquês de Sagres.

Este nobre pontificio, este marquês por graça do Papa, tem andado em bolandas, ha uns tempos para cá. O Reporter X zurziu-lhe as virtudes com tal gana que o deixou sem concerto; e, ha pouco para completar o quadro, falaram-nos os jornais da sua falencia e da sua fuga, em travesti de mulher.

O diabo tece-as, é bem certo; e de suas manhas e artimanhas ninguem se livra, nem mesmo aqueles que gozam do divino privilegio da infalibilidade Figas!

REQUIESCAT IN PACE. E não houve tempo para mais nada, nem para o *amen* da praxe. Morto e circunstantes, tudo foi de escantilhão por ali a baixo, para o abismo, que o soalho, fugindo, escancarou. Tudo, não. O padre, que era novo e agil, largou mãos da obra e safou-se mais que depressa por uma janela aberta. *Vade retro*...

Entretanto, cá em baixo, andava tudo numa roda viva, os vivos procurando um cú de agulha por onde se esgueirassem, e o morto saltando do caixão, como que a querer seguir-se, numa ultima partidinha — quem sabe lá? — á hipocrisia usual. Uma dos diabos, comentava o povinho.

Dos diabos ou da mãe deles, certo é que faz matutar.

A morte tinha sido natural e com todos os matadores. A pontadita do lado, a febre, uns suores, uns calafrios, o encolher de ombros do medico, o salvo-conduto dos sacramentos — ele era *pratico* — e, por fim, para que a vizinhança não desse com a lingua nos dentes, até a bruxa foi chamada, não fôsse caso de mau olhado ou ar maligno, molestias estas em que qualquer livro de S. Cipriano ou dente de alho pôro levam as lampas ao mais esperto Esculapio. O curso da doença foi normalissimo: nem vagueses nem hesessem em pé os cabelos aos herdeiros, nem pressas que não permitissem aos santos uma conscienciosa análise ás promessas feitas.

Tudo muito normal, sob todos os aspectos.

Quanto ás faculdades mentais, ainda hoje a familia do falecido afirma que ele se passara desta para melhor muito contrariado, prova incontestavel da sua costumada lucidez.

Ora, pois...

Não se compreende que um morto destes, que faz o seu passamento muito metodicamente, com todos as praxes, desde as medicinas até ás teológicas; que cumpre o ritual com todos os pontos nos ii, não se esquecendo de se fazer acompanhar de todos os sacramentos, dê um tombo desta marca, precisamente no momento em que se procedia á ultima formalidade legal — a encomenda da alma catolica ao seu Deus, o Deus catolico, em bom latim do estílo, latim arcaico, de exito tão seguro nestes casos como nos de exorcismo, benções de objectos, etc., etc.

Não; não se compreende. A não ser que... Sim. A não ser que o morto estivesse com pressa. Que ele, aqui, de duas uma: ou o falecido estava com pressa de recolher á ultima morada, ou, julgando-se seguro com o salvo-conduto dos sacramentos, não esteve para ouvir o latim da encomenda.

Ou, ou! E daí, talvez o latinorio não preste para nada por ter perdido a virtude.

O aparecimento do nosso jornal

Referencias que lhe são feitas

De *O Desforço* de 7 de Maio, semanario republicano historico:

«Reapareceu na vizinha cidade este semanario republicano que tão bons serviços prestou á Republica e que agora, distintamente dirigido pelos srs. drs. Eduardo de Almeida, David de Oliveira e capitão Duarte Fraga, se apresenta com superioridade, honrando sobremaneira o jornalismo. Apresentando-lhe as nossas saudações, desejamos ao prezado colega longa e desafogada vida»

Do antigo Deputado e Presidente da Camara Municipal, desta cidade, sr. dr. *Mariano da Rocha Felgueiras*, residente em Paris:

«Mariano da Rocha Felgueiras envia as suas mais efusivas saudações a *O Povo de Guimarães*, certo de que será um poderoso elemento de conjugação de esforços para a propaganda republicana de que a nossa terra tanto necessita».

Conto da semana

O Convento da Gloria

Na ilha do Faial (Arquipelago dos Açores) deram-se no século passado diversos episodios, autenticos e veridicos, que Ernesto Rebelo, filho do Faial, conta nas suas *Notas Açorianas*, a proposito das freiras do convento da Gloria, que me parecem de um certo interesse em os tornar conhecidos. Nos principios do século XIX, e ainda depois, era da usança da gente abastada meter as filhas no convento. Não o faziam por amor divino, mas sim por egoismos: livravam-se da responsabilidade do futuro das filhas e não enfraqueciam com alimentos e partilhas a opulencia das casas. Segundo a versão documentada de Ernesto Rebelo, o sr. Manuel Machado Serra, no ano de 1809, não era precisamente um pai romano, com direito de vida e morte sobre os filhos, mas pouco menos.

Um dia decretou que as filhas, D. Mariana e D. Bernarda, fossem para o convento da Gloria. Eram duas raparigas bem educadas, e se vissem no nosso século, teriam conquistado o titulo de rainhas da beleza, pois eram dotadas de uma formosura, segundo se lê nas *Notas*, que não é vulgar encontrar-se nas filhas de Eva.

D. Bernarda disse redondamente que não, á mãe, uma escrava submissa das prepotencias do marido. A pobre senhora ficou abismada com a resposta da filha.

— Olha que teu pai mata-te.

— Pois que me mate, mas eu não vou para o convento.

O pai quando soube da recusa da filha, entrou em acessos de furor, medonho!

— Manda fazer-lhe os habitos e nem mais pio! A costureira que venha hoje mesmo tomar a medida, ouviste? Já eu vou tratar da peste dos ratos; já cá tenho o rosalgar

A filha percebeu o remoque. A mulher passiva como uma serva, obedeceu. Veio a costureira.

D. Bernarda, sorrindo, disse-lhe:

— Quero uma mortalha elegante, e escusam de me fazer outra.

Prontos os habitos, uma noite, á ceia, Manuel Machado Serra, ordenou:

— Amanhã, de manhã, ás trindades, marcham para o convento. Seu irmão Manuel que as acompanhe.

Era o filho mais velho, uma vítima tambem da tirania paterna.

No dia seguinte, D. Mariana levantou-se cedo e foi bater á porta do quarto da irmã. Bateu, tornou a bater, e nada. Fez-lhe grande estranheza o silencio e correu a prevenir a familia. Acudiram todos.

O pai á porta do quarto, num vozear descomposto, injuriava a filha. Vendo que ela não respondia, como grande adepto da lei da força, e num impeto de furor, jogou um coice á porta, que foi dentro imediatamente, abrindo-se.

D. Bernarda estava em cima da cama, com o habito de noviça, de costas, estendida e hirta.

Um candieiro de metal, acceso, e sobre a mesa de cabeceira, um copo de agua esvaseado e uma colher.

A fisionomia da defunta, segundo narra as *Notas*, era de uma serenidade e beleza extrema. Muito branca, sem a mais leve contracção no rosto, antes com um sorriso resignado e triste; as mãos transparentes e geladas. O pai, vendo e apalpando a filha, exclamou: — Ora esta!... Querem ver que a pequena me foi ao rosalgar dos ratos. Sempre venceu a teima. Ora esta! Esta só no inferno!...

Veio o médico e verificou o obito. O sr. Manuel Machado Serra, para hora da casa, e para que a filha pudesse ser enterrada no cemiterio, onde naquela época sómente eram enterrados os que professavam a religião catolica, conseguiu abafar o caso.

A filha D. Mariana não teve a lugubre coragem da irmã, talvez por não estar namorada; mas enamorou-se depois e fugiu do convento.

TRIBUNA OPERARIA

Desde muitos anos que acompanho com toda a atenção a marcha evolutiva dos tempos, porque sempre entendi que o homem deve integrar-se no espirito da sua época, de forma a tornar-se util a si e aos outros.

A evolução ou revolução das artes não é outra cousa senão o progresso, o desenvolvimento do genio humano; e, porque assim é, descubra-se facilmente no seu pensamento, melhor, no pensamento colectivo, um mais perfeito sentido do Belo para a Vida do homem.

Negar isto, sofismá-lo, combater o Progresso e as Sciencias, é um contrasenso tão estúpido como aquele de querer tentar, nestes tempos, um sistema politico social sepultado no pó dos séculos.

O homem inteligente, perfeito, moderno e pratico, sabe que o mundo não acaba como começou: mas caminha para uma melhor e mais completa libertação, e a Historia diz-nos que a escravidão foi, no feudalismo, a melhor escola onde o espirito humano começou a revoltar-se contra os senhores e os seus privilegios, partindo o grilhão que o oprimia, e proclamando e reclamando para os escravos mais justiça — a justiça de reconhecer os seus direitos de cidadãos livres.

E, assim, numa luta permanente, desde o livro á conferencia, desta até á revolução das ideias, nós todos, os homens de hoje, vimos assistindo a esta grandiosa obra de não só procurar tornar o individuo absoluto e soberano dono da sua vontade, do seu querer, como fazer dele um ser superior capaz de, amanhã, reger-se apenas pelo Código do amor pela Familia e pelo Trabalho, num respeito mutuo como cidadãos livres dentro do mesmo corpo social.

AFONSO FRANÇA.

A quanto leva o fanatismo religioso. A força, em certos casos, é necessaria, mas a persuasão obtem sempre melhores resultados.

ALBANO CRUZ.

A VERDADE

A ignorancia atavica da nossa gente em declinar incessantemente a sua propria culpa nos homens dirigentes da Republica, igualando o regime a um vasto campo de ignominias e torpezas, fazendo-se eco de leituras facciosas e infamemente criminosas, lançando no oprobrio homens honestos, elevados pelo seu trabalho e intelligencia ás cadeiras do poder, julga para breve a falencia do regime.

A ignorancia e a mentira estão tão enraizadas nestes analfabetos que, sabendo sómente repetir o que ao ouvido os insidiosos e caluniadores malevolentes lhe dizem, sem ter uma vontade forte e uma disposição decidida, só vêm com o auxilio das luetas da infamia.

Aos homens da Republica se tem ultimamente assacado infamias sem nome, e pasquins nojentos, garatujados por penas a soldo da calunia, têm clamado, aos quatro ventos, pseudos crimes mentirosos e repugnantes.

Quantos homens da Republica têm morrido, deixando as suas familias em fraquissimas circunstancias? E a quantas o Estado tem necessidade de socorrê-las com subsidios generosos, salvando da miseria, a viuva e filhos daqueles, que deram todo o seu esforço e a sua intelligencia em prol da Patria e da Republica!

Vinte anos que o regime tem de vida, vinte anos de Historia que não serão apagados pelos vilipendios rancorosos dos seus inimigos, defensores dum regime que caiu emaranhado na rede dos seus crimes, e que jámais voltará.

Na muralha intangivel dos seus actos, se quebram e desfazem em nuvens espumantes do nada as ondas inconsistentes da mentira.

ALMEIDA FERREIRA.

Missão Agrícola de Guimarães

Missões de podas

(Conclusão)

No pessegueiro, contrariaram a sua tendência a ramificação vertical, evitando os grandes golpes, por isso que o lenho cicatriza com dificuldade.

Não se esqueceram que o pessegueiro só frutifica nos ramos do ano, o que, é indispensável saber a um podador.

Atenderam, também, ao guarnecimento dos ramos principais nos indivíduos das espécies que têm manifesta tendência em desguarnecer-se na base desses ramos ou perna e ainda tiveram sempre presente que não se pode contar com o desenvolvimento dos olhos latentes, como sucede na pereira e macieira, por ser muito duvidoso nestas espécies.

Feito este resumo do trabalho dos podadores da Escola Agrícola de Santo Tirso, — ao serviço da II Brigada T. da Campanha de Produção Agrícola, resta-nos responder aos senhores proprietários que vieram auxiliar-nos com os seus alvitres, tendentes a melhorar no futuro esta forma de assistência e fomento agrícola.

Dissemos qual o fim destas missões; espalhar a boa semente pelo maior numero de freguesias e de propriedades, motivo porque não podemos dar maior permanência aos podadores nas diferentes quintas, só a necessária a estabelecer exemplos, para que os jornaleiros que os acompanharam pudessem com mais consciência e segurança, completarem o serviço de podas.

A poda de fruteiras já formadas, de grande desenvolvimento, velhas e que nunca foram podadas, é, por vezes, difícil e ingrata para o podador.

Creiam os senhores agricultores, que os alvitres apresentados foram tomados na devida consideração e desde já podemos afirmar, que no futuro ano, a missão de podas será composta por maior numero de podadores, habilitados como estes, na Escola Prática de Agricultura «Conde de S. Bento» — Santo Tirso.

Devemos informar, que seria de toda a conveniencia, em os agricultores fazerem a sua inscrição na Missão Agrícola de Guimarães, logo que por ela seja anunciado o início destes trabalhos, a fim de podermos requisitar o pessoal necessario a satisfazer todos os interessados.

Guimarães, 2 de Abril de 1931.

ERNESTO DA SILVA, Regente agrícola.

Noticiario

Para Lisboa partiram os nossos queridos amigos e correligionarios srs. José Jacinto Junior, dr. Guilherme Rodrigues e Joaquim Alberto Cesar.

De Lisboa já regressou a esta cidade o dedicado correligionario e amigo, Anibal Dias Pereira, sócio da acreditada Casa das Gravatas.

Espectaculos selvagens

Na semana passada, os nossos solícitos zeladores, por entretenimento ou por ordem superior, determinaram dar caça aos cães vadios que percorrem as ruas citadinas em busca de algum osso esburgado, e para se livrarem de grandes maçadas, resolveram fazê-lo por meio das «bolas de strychnina», assim contribuindo para o espectáculo selvagem de se ver um cão pernear, provocando algazarra de garotio e ajuntorios.

Nós sempre imaginamos que existisse um canil e que mesmo aí, nunca a strychnina fôsse usada, pois os processos modernos de abater os cães são outros e que aos bichos evitem uma morte tão prolongada e desumana, tudo feito com recato e sem provocar hilariedade na população que sai á rua.

Chamamos a atenção para a Sociedade Protectora dos Animais e oxalá que a selvageria humana não repita identicas scenas.

Acto Eleitoral

Ao «Diário da Manhã»

Como no proximo dia 20 serão iniciados os trabalhos de recenseamento eleitoral — o que vem provar os bons desejos do governo da ditadura em apressar o regresso á normalidade politica — republicanos de várias terras do norte do País se nos têm dirigido a perguntar se devem inscrever-se ou não; e nesse bem patenteado desejo de preparar o futuro politico do regime, para desmascarar os monarchicos que, subrepticamente, querem ficar sós em campo para a pratica duma maior traição á Republica, eles, absolutamente confiantes e conscientes, perfeitamente conscientes, no triunfo desse sufrágio universal a realizar no curto prazo anunciado, desejam que sejamos os intérpretes junto de quem de direito.

Sim, senhores, do Diário da Manhã: os republicanos do norte de Portugal, e são hoje um grande numero, estão dispostos a pugnar pelos sagrados principios que proclamaram em 5 de Outubro de 1910, e, se lhes lór dada aquela liberdade que o período pré eleitoral lhes concede, nenhuma duvida terão em lutarem no campo da legalidade, provando mais uma vez que têm a plena consciencia dos seus direitos e dos seus deveres.

Eis porque tomamos a liberdade de reclamar do Diário da Manhã o direito que nos assiste de saber se esse período ser-lhes ha concedido, ou não, para que respondamos a essa esmagadora maioria dos republicanos do norte nos termos que acharmos convenientes.

A não resposta até ao dia 20 deste mês, inclusive, será a negativa formal do nenhum desejo de aceitar o concurso dos republicanos e a certeza de que só a União Nacional deverá enfrentar todas as correntes que a desejem combater, pró ou contra a Republica.

Aguardamos, pois, a resposta que deverá vir clara, precisa e conclusiva, ou melhor dizendo, feito o jogo franco para que possamos ser postas as cartas na mesa.

Datas memoraveis

No dia 8 passou mais um aniversario da morte do Marquez de Pombal, o extraordinário reformador que tem na historia da civilização um brilhantissimo lugar, ao lado dos mais illustres estadistas de todos os tempos.

O expulso dos jesuitas merece a admiração profunda dos portugueses conscientes.

O dia 14 de Maio ficou assinalado com uma pedra branca na historia das nossas lutas pela liberdade.

Aos combatentes de então envia O Povo de Guimarães a sua calorosa e fraterna saudação.

Há cinco anos — feitos no dia 5 ultimo — que Tomé de Ramos Queiroz, a honradez e a dignidade civica personificadas, foi prematuramente levado pela morte.

Exemplarissimo politico, no mais nobre significado desta nobre palavra, Ramos Queiroz prestou ao País relevantes serviços. Este jornal associa-se comovidamente ás homenagens consagradas á memoria do eminente cidadão.

Dr. Jeronimo Rocha

Inicia hoje a sua colaboração neste jornal o nosso prezado amigo e valioso correligionario, sr. dr. Jeronimo Rocha, illustre Delegado na comarca dos Arcos de Valdevez.

Como poeta, o dr. Jeronimo Rocha conseguiu impôr-se, embora os seus versos andem muito dispersos, pela facilidade de rima, espontaneidade de assunto e gracilidade original.

Coimbra guarda os seus sonetos mais frescos e que fez publicar sob o nome de Ilídio Proença, tecidos quasi todos da influencia erótica, apaixonadamente sentimental.

Gazetilha

Ser policia! que desgraça! E nesta hora que passa Que tremenda entalção! «Viva!» «Morra!»... o povo grita; E logo o policia apita P'ra dar começo á função.

Se ha vivas do «revirálho» Tem a palavra o chanfalho Com todo o rigor... da Lei... E ás vezes — já é galinha! — Até apanham na pinha Muitos vassallos de... el-rei!

Em Braga, um Sapateiro, Pedia em alto berreiro A «moralidade» a todos... Protestam integralistas! Os chanfalhos pacifistas Deram de «comers» a todos.

Ser policia! que massada! Ter de correr á lambada A todos sem distincção! — O diabo ése algum dia Esta chanfalho mania Entra na corporação...!

OLHO DE LINCE.

Com os meus boiões...

Mau, mau... O aparo, este minúsculo funcionario até agora tão pronto, tão servidor, começa de negar-se a escrever, começa de falhar, espirrando borrações de tinta no papel... Cansou. Que fazer?! Substitui-lo. E' a eterna lei, o eterno destino das cousas e dos seres. Tudo cansa, tudo falha — e é inutilidade, depois. E, por que é inutil, — não serve, não presta, deita-se fora... Negra lei, triste destino das cousas e dos seres. Deita-se fora... Porque não, asilar, antes, em nossa veneração, aquelas e aqueles que, de qualquer modo, e em quaisquer circunstâncias, nos foram uteis?... Não!, não deitarei fora o cansado aparo...

Esperar é alcançar... Afirmá-se. E... quantos, quantos peitos ansiosos eternamente esperando, eternamente sentindo lá dentro fremir asas, a borboleta-verde do Ideal inalcançavel!

Esperar — alcançar... Ironia, amarga ironia da existencia. Esperar — desaperar... Sim!, pois não é pequeno desespero este dia-a-dia macabro, este impertinente dosiur de miseria, este interminavel sepultar de creanças no caminho inglório, louco, para a terra da sublime promessa — a sublime promessa da humana felicidade!

ALBERTO DE MACEDO.

Calçado barato

Na CAMISARIA MARTINS saídam-se com grandes abatimentos, um grande lote de calçado

Botas brancas para homem desde 29500; Ditas em calf preto, a 43500; Ditas em calf. cor com duas solas a 49500; sapatos em calf cor a 50500; Botas com sola crepe a 38500; sapatos em sola crepe para senhora a 22500; botas para rapaz em branco, preto e cor; sapatinhos para criança a 6500; sapatinhas para mulher a 4500. Sandalias para criança. Só na CAMISARIA MARTINS.

Contribuições e Impostos

Pela Repartição de Finanças

Por espaço de 20 dias, que começaram no dia 11 e terminam no dia 31 do corrente mês, estão em reclamação as importancias fixadas a cada contribuinte do Grupo C., para a contribuição industrial do ano de 1931-1932, como montante dos seus negocios.

Durante aquele prazo, os interessados podem reclamar e alegar o que tiverem por conveniente, devendo as reclamações serem instruidas com documentos que provem o alegado.

Na CASA HIGH-LIFE e sua sede encontra-se sempre sortido variado de artigos de novidade a preços muito reduzidos.

CONTOS E NOVELAS

Sem a luz do amor

Por EDUARDO DE ALMEIDA

E leu a carta:

«Pela infinita misericórdia de Deus, aproxima-se de seu indigno servo a hora da morte. O Senhor seja louvado!

«Não me despeço de vós, meus amados irmãos do sangue, sem essa comovida fraqueza do coração, que se chama saudade. Humildemente vos peço perdão de minhas faltas. O sacerdote, mais do que outro qualquer mortal, bem carece que se amerceiem da sua alma com imensa benevolencia e piedosa caridade. Nunca serve a Deus quanto deve. Destinado a seguir e praticar a doutrina imortal de Cristo — miseros de nós! — quantas vezes lhe falta ou a infringe por omissão ou comissão, a defere ou esquece nos mais elementares preceitos?...

«Uma vez, em perdida choupana da serra, confortava eu com os ultimos sacramentos a uma velhinha de oitenta anos de porfiada desgraça e pesados martirios, cuja fé e virtudes a recomendavam á Bem-aventurança, quando ela, deixando morrer o olhar abraçado á Cruz, me disse com bem magoados desalento —: «Como sou pecadora! Como foi nada tudo o que sofri!» Ouço essa voz atemorizadora a planger-me na consciencia. Perdoai-me, e pedi, como eu suplico, de alma ajoelhada, perdão de mim ao Senhor!

«Joaquim e Maria Teresa — Não faço testamento porque não tenho haveres, de que disponha. Escrevo esta carta, singela, e custosamente, porque preciso deixar bem esclarecido e afirmado que esta pequena quinta do Cedro, embora comprada em meu nome, por motivos que não posso revelar, pertence por direito, como o seria por minha decisão, a nossa irmã Maria Teresa. E que sua vontade, tantas vezes claramente expressa, e minha, ficará Joaquim, para assim vir a ser de nossos sobrinhos, que Deus abençoe e cubra de graças toda a herança das terras de nossos pais, por cujas almas muitas vezes encomendei o santo sacrificio da missa.

«Pouco a pouco (se npre o direi a Joaquim) fui pagando ao Pai e á Mãe quanto gastaram em ordenar-me, e com o patrimonio. Tenho ainda para com eles uma divida em aberto, porque não consegui resgatá-la — a da gratidão e amor!

«Manda-me o coração que sejam para minha bondosa irmã, a nossa Maria Teresa, as derradeiras palavras, as ultimas escritas por minha mão. Resignou os seus haveres para que me pudesse ordenar; despediu-se do mundo, e da sua mocidade, para me seguir; sacrificou desveladamente a sua vida, obscura, humilde e cristã, a amparar-me; envelheceu suas horas, longas e tristes, junto da mesma lampada, a cuja luz escassa, na ermidão soturna, eu rezava as minhas. Que ela me proteja além-da-morte, como o fez neste vale de lágrimas. Maria Teresa — ergue tuas mãos puras e ora por mim, por nossos pais, pelo teu irmão e sobrinhos, pelos nossos desventurados, que tanto estremecemos á Mãe Santissima das Dores.»

— Ora aqui está um pastor de almas! — resmungou o Joaquim, a suar, mal finda a leitura. Pagara ao Pai Antonio e á Mãe Curseira! Mas quando, e onde o recibo? E' certo que o farinheiro tivera certas despesas com a doença, e a mãe, um dia, lhe adiantara umas moedas para a compra de uma sorte de mato, há muito cubiçada. Mas o dinheiro do Marcelino ninguem o vira luzir! Nem se ouvira toada de semelhante paga!...

Deu-lhe impulso de rasgar a carta. De-teve-se, brusco. Talvez, ahí seguramente, que o padre lhe havia de ter mostrado a prenda, á senhora mana. Aquilo era obra de há muito apalavrada entre os dois.

Ora, se a Maria Teresa, como filha, tinha qualquer nadinha da herança paterna — «mas havemos de lhe fazer as contas ás beifeitorias e anos de trabalho, e á sustentação da mãe» —, também ele, como irmão, o lavrador, tinha a haver da parte do Marcelino tanto da herança da casa, como da própria. Não havia embuste de letrado que o escondesse. E' conclusiva, firme:

— Minhas, e livres, as terras! Minha será a quinta do Cedro!

E logo se justificava, e a satisfação á consciencia:

— Pois se a Maria Teresa é donzela, sem filhos, nem obrigações — uma sacrificada, como lhe chama o Marcelino —, seu herdeiro sou eu, o pai dos seus sobrinhos. E certo fica, na ordem de Deus e do mundo, que sejam os meus filhos os unicos e verdadeiros herdeiros de todos nós. Logo tanto monta esperar a hora da morte, como, é bem melhor resulta para todos, decidir em vida.

Saiu, deixando muito aberta a porta da sala, quando Maria Teresa vinha da cozinha com a malga de leite e café:

— Venha tomar alguma coisa quente.

— Tens razão.

E sempre foi adiantando, cautelosamente:

— Sabes se ele dispôs alguma coisa, ou se fez testamento?

— Nunca lhe ouvi falar em testamento. Não fez testamento.

— E... qualquer particular recomendação?

— Esperava a morte com temor e resignação. Ainda ontem, por esta hora, pediu ao novo Reitor para se confessar e comungar. Depois, á tarde, veio ler a reza junto do leito. E Marcelino, já muito fraco, de vez em quando, rezava também, baixinho. Ao anoitecer, como o visse afito, o Reitor ajoelhou e dizia — «Misericórdia, Senhor! —», e o nosso irmão ia repetindo — «Misericórdia!»

Duas lágrimas caíram como se desprendem as folhas mortas das flores. Joaquim arrumou a malga, e ela voltou ainda:

— Sei que desejas um modesto enterro de sacerdote.

— Daí vinha claramente a minha pergunta. Nada mais natural que não haver assim á mão o dinheiro preciso. Todos nós temos as nossas necessidades. Eu estou aqui para tudo, e eu respondo pela despesa. Logo devem chegar a tua enxada, e minha mulher, com os meus filhos, que são os teus sobrinhos. Cumprem o seu dever, e ajudam-te nesta hora. E' agora, afinal, toda a nossa familia! Somos nós, de um lado os que já ficaram na jornada, ou vão perto do fim, que os esprietas, e do outro os moços.

Passou na varanda o Reitor. Era magro e ceroso. Foi direito á sala, onde estava o cadaver. Ouviram-no ajoelhar pesadamente.

(Continua).

V. Ex.ª

Só encontra um bom sortido de meias em todas as qualidades, camisas, popelines, gravatas, chapéus, sobrinhas, luvas, malinhas, bordados e rendas, artigos de bordar, calçado de verão na Camisaria Martins

a CASA DAS MEIAS

A'S BOAS DONAS DE CASA

Recomendamos a liquidação que faz a Casa das Louças. Grandes abatimentos. Liquidação completa de louças de esmalte, aluminio e porcelana. Comprar barato só na Casa das louças, junto a Camisaria Martins.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA
Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre
das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES

CASA HIGH-LIFE

Toural-Guimarães

TELEFONE 49

E' HOJE A CASA, NO SEU GÉNERO, MAIS BEM SORTIDA E QUE, EM PREÇOS, OFERECE MAIS VANTAGENS

Mudas, tecidos de seda, lã e algodão; tecidos para camisas de homem e senhora; bretanhas, panos bordados e de renda, colchas de seda, echarpes, véus, sevilhanas, chales de seda bordados, sombrinhas, bengalás, malhas para homem, senhora e criança, meias, pingas, camisaria, colarinhos, gravatas, artigos de bordar, cintas elásticas e elásticos para cintas e ligas, perfumaria, sabonetes, artigos para luto, miudezas, etc., etc. Esta casa já recebeu parte do seu sortido para a próxima Estação do Verão e breve espera completar o seu grande e inegualável stock de fazendas adquiridas nas principais casas da especialidade.

SEMPRE NOVIDADES

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.^{da}

43—RUA DA REPUBLICA—47
TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

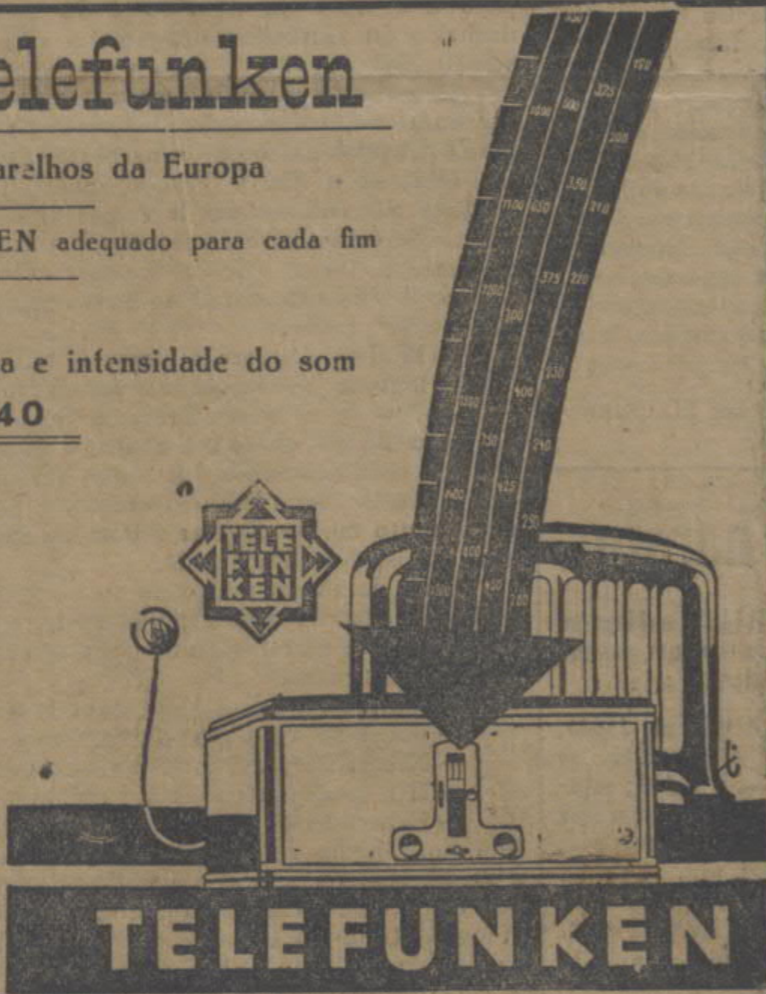
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente desseminalado. Peça V. Ex.ª uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28—Rua 31 de Janeiro—30

GUIMARÃES

PAPELARIA, PERFUMARIA E TABACOS

Gramofones — e discos —
Papeis de embalagem, Fio, Papelão e maquinas de escrever : crever :

PAPELARIA CENTRAL

Praça D. Afonso Henriques

TELEFONE 149

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

DROGARIA TOURAL

DE

João Garcia de Almeida Guimarães

P. D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

Tintas, Vernizes e Vidros

TELEFONE 68

"O POVO DE GUIMARÃES" Rua 5 d'Outubro N.º 33

SEMANARIO REPUBLICANO

GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24500 Esc.	Cada linha	\$50 cent.
Africa	28500 >	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	
Brasil (moeda brasileira)	20500 >	Comunicados, linha	\$60 >
Estrangeiro	40000 >	Imposto do selo	\$15 >
Número avulso	\$50 cent.	Linómetro tipo corpo 8.	

Ex. mol. Snr.

Redacção da "Revista de Guimarães"

Guimarães

FABRICA DE GUARDA-SOES E CHAPEUS

DE

Faria & Fernandes, Limitada

51—Largo Prior do Crato—54
(GUIMARÃES)

49—Praça D. Afonso Henriques—50
(FILIAL)

Telefone n.º 79

Agentes oficiais dos pneus

Firestone

Representantes do capacho

Ideal